

DO ENGAJAMENTO A MILITÂNCIA: AS MEDIAÇÕES NA ESCRITA DE JORGE AMADO (1929-1956)

MATHEUS DE MESQUITA E PONTES¹

Quando se trata de comprometimento literário os termos *engajamento* e *militância* normalmente são apresentados de forma equivalente, para enquadrar ou não a atuação política do escritor. Esse padrão de análise também está presente entre os principais intérpretes de Jorge Amado, prática que limitou às análises dos seus escritos. Nesse sentido apropriaremos dos termos *engajamento* e *militância* enquanto conceitos, diferenciando-os, e utilizando-os como ferramentas metodológicas que aprofundam as compreensões das mediações feitas por Amado perante os seus grupos sociais².

Seguindo o alerta feito pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), torna-se necessário analisar os conceitos de acordo com seu tempo e a sociedade inserida, levando em consideração a diversidade da experiência histórica que o (re) elabora. Destarte, almejamos compreender e utilizar *engajamento* e *militância* no contexto belicoso do século XX, em que a disciplina militar penetrava na arena ideológica, na dinâmica da luta de classes e nos campos sociais em seus variados círculos internos.

As duas grandes guerras industriais e as intensas polarizações ideológicas no século XX expandiram os termos *engajamento* e *militância* para explicar as desenvolturas individuais e coletivas no seio da sociedade. Interpretamos que o *engajamento* interliga-se através do envolvimento do sujeito com determinado grupo social ou com proposições voltadas para si. O *engajamento* pode emergir por interesses de origem social, por adesão voluntária, parcial – aproximação por interesses específicos, com alinhamento frente às estratégias e táticas dos agrupamentos – ou por uma ligação temporária programada; é um compromisso permeado por fluidez, sem a obrigação de uma continuidade orgânica e disciplinar imputada pelo agrupamento ou por questões próprias, pode ser uma prática envolta de revisões e interligar-se a outros grupos sem a rigidez da fidelidade.

Se no *engajamento* existem variações perante o grau do empenho assumido, podendo ser esse de cunho individual ou ligado a uma prática coletiva, na *militância* a atuação do sujeito é sempre coletiva e disciplinada rigidamente pelo agrupamento. Nos agrupamentos

¹ Professor de História do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Doutorando em História.

² Essa análise vai da obra *Lenita* (1929) até a trilogia do romance *Os subterrâneos da liberdade* (1954), contudo o ciclo militante de Amado encerra-se com o XX Congresso do Partido Comunista da URSS, em 1956.

aonde existe a vivência da militância, a ação e o sentimento de estar constantemente em combate são permanentes, existe sempre o(s) inimigo(s) que precisa ser derrotado ou convertido para seu campo social. Na militância existe uma profissão de fé. O agrupamento com suas metodologias próprias delineiam os diagnósticos do passado e do presente, esboça as estratégias e táticas para controlar o futuro, além de elaborar códigos morais rígidos e rituais para inserção e evolução hierárquica no interior do grupo. Quanto mais devoção às causas do coletivo, mais prestígio e poder o sujeito agrega no seio do grupo.

No século XX as duas grandes guerras industriais, os ressentimentos nacionalistas e de classe social, aliados à derrocada do sistema liberal tanto no âmbito democrático como econômico, proporcionaram o crescimento do movimento comunista, principalmente após a Revolução Russa de 1917, como também o avanço do movimento fascista impulsionado pelos triunfos de Benedito Mussolini na Itália (1922), Adolf Hitler na Alemanha (1933) e de Francisco Franco na Espanha (1939). No nosso ponto de vista, os movimentos comunista e fascista foram os dois grandes polos de militância no século passado que atraiu a adesão de inúmeros intelectuais. Pode-se afirmar que ambos os movimentos, apesar das proposições distintas, constituíram-se em campos sociais próprios, com estratégias e táticas voltadas à tomada e consolidação do poder, como também dinâmicas de *habitus* internos que regulamentavam a moral e a disciplina de seus integrantes.

No século XX, Jorge Amado viveu e atuou com fervor nos debates que marcaram sua época. Foi engajado para solucionar questões individuais em sua juventude, assumiu compromissos difusos com agrupamentos emergentes que eram círculos contra hegemônicos no campo intelectual e, durante e após a Segunda Guerra, adota a posição de militante e de figura pública no campo do movimento comunista. Essa gama de compromissos enquanto escritor não se dilui após a segunda metade do século XX graças às decepções com o campo comunista – devido os crimes de Stálin –, elas permanecem ao longo de sua vida. Amado sempre tomou posição e, tais posições, sempre mediaram sua escrita. Enquanto autor, sempre deteve a consciência de não existir a condição do escritor descomprometido.

Engajamento

Diferente de parte expressiva dos críticos e intérpretes literários, não visualizamos o engajamento da escrita apenas como o resultado da mediação do autor em sua atuação ou simpatias com determinado agrupamento no plano político em busca do poder. O

engajamento pode advir de uma gama variada de relações sociais assumidas pelo autor: descrição e valorização de *habitus* societários, visibilidade dos dramas e alegrias de determinadas comunidades e de si próprio, apontamentos de questões regionais, nacionais, de classe ou de campos sociais específicos, esforços em busca de uma nova estética da linguagem ou da cultura, entre outras várias possibilidades. Do nosso ponto de vista, não existe isenção ou neutralidade por parte do escritor, tudo é permeado por um jogo de interesses e empenhos que proporciona certo grau de engajamento. E, é dessas ligações sociais, que o autor emite respostas e dialoga com seu público, recebendo ou não, em troca, a legitimidade e a sua devida consagração.

Também não partilhamos do método do francês Jean Roche (1987) que, para além de vincular o engajamento literário de Jorge Amado apenas enquanto ação política e ideológica utiliza-se de dados estatísticos de um conjunto de palavras-chave das obras – enquadradas como “palavras-ação” e “palavras-inimigo” – para “medir” o grau de engajamento dos romances³. O diagnóstico quantitativo de determinadas palavras na(s) trama(s) pode até apontar indícios de práticas de engajamento ou de militância no labor literário, contudo não proporciona qualidade plena na abordagem, pois não garante a análise das aproximações do autor com as estratégias e táticas dos agrupamentos que é membro ou simplesmente simpático.

Aproximamos da visão interpretativa esboçada por Raymond Williams sobre o tema do engajamento na literatura. Segundo o autor, o engajamento literário emerge de forma consciente e inconsciente por parte do escritor, graças a sua experiência histórica e seus interesses partilhados com outros sujeitos e agrupamentos. No ensaio, “O escritor: engajamento e alinhamento”, Williams desmistifica a noção de que o engajamento só emerge em narrativas com mensagens progressistas: “Logo, se é assim em todos os níveis, na própria escrita ou em alguma capacidade mais genérica, naturalmente não há nenhuma garantia de que o engajamento seja intrinsecamente progressista, como alguns presumiram” (2015, p. 120).

Benoît Denis, em *Literatura e engajamento*, aproxima-se da posição de Williams ao acreditar que “[...] toda obra literária é em algum grau engajada, no sentido em que ela propõe

³ Por intermédio de seu método quantitativo, Roche chega à seguinte conclusão: “Deste ponto de vista, *Subterrâneos [da liberdade]* é, de fato, o romance mais engajado, e chegaríamos até o dizer que é o único; suas percentagens das palavras Bandeira, Ação e Inimigo representam respectivamente 48, 42 e 36 vezes as dos dezoito outros romances, e a percentagem da totalidade do vocabulário marcado, quarenta vezes” (ROCHE, 1987, p. 25), isto é, o engajamento literário só ocorre de acordo com o grau de repetição de palavras voltadas à ação política.

certa visão de mundo e que ela dá forma e sentido ao real” (2002, p. 10), sendo algo perene, próprio do trabalho literário. Todavia, ao analisar alguns intelectuais do meio francês, indo do matemático renascentista Blaise Pascal até o filósofo Jean-Paul Sartre⁴, Denis aponta que Sartre foi o pioneiro na caracterização e na defesa da noção de *engajamento* no meio intelectual contemporâneo, fruto das suas vivências antifascistas na Resistência francesa e do combate à manutenção do clima bélico após a Segunda Guerra⁵.

Denis acredita que as agitações do entre guerras foram o grande laboratório para a literatura engajada do século XX e o terreno fértil para as elaborações de Sartre. Por outro lado, o temor de uma nova guerra levou vários escritores a repensar suas ligações com a sociedade e seus agrupamentos, assumindo de forma mais contundente compromissos que geravam renúncias de certos prestígios e privilégios ligados ao estatuto do escritor. Ocorre, na visão de Denis (2002, p. 25), uma modificação parcial da representação do escritor e do valor literário, ao emergir uma aproximação e identificação do autor com os apelos e temores populares refazendo a articulação entre o literato e o social; vinculando-se a proposição de Sartre: “[...] engajar a literatura significa [va] de fato lançar um vasto apelo ao profano, convindo ao escritor dirigir-se a essa massa de leitores que certa literatura elitista exclui simbolicamente do intercâmbio literário” (DENIS, 2002, p. 59).

O contexto de incertezas e a pressão social por tomadas de posições potencializavam o envolvimento e a limitação criativa dos escritores. Tanto para Denis, como na perspectiva dessa pesquisa, todo autor tem seus limites criativos ligados ao seu tempo, espaços e agrupamentos relacionais. Todavia, no entre guerras, as perspectivas do compromisso foram aguçadas, segundo Denis:

o escritor engajado é aquele que assumiu, explicitamente, uma série de compromissos com a coletividade, que se ligou de alguma forma a ela por uma promessa e que joga nessa partida a sua credibilidade e a sua reputação (DENIS, 2002, p. 31).

engajar-se significa [va] também tomar uma direção. Há assim no engajamento a ideia central de uma escolha que é preciso fazer [...], fazer a escolha de se integrar

⁴ Denis, em seu livro, perpassa por momentos de turbulência da história francesa: a Revolução de 1789, o impacto das Revoluções de 1848, a Comuna de Paris em 1871, o caso Dreyfus no final do século XX, as agitações no entre guerras, as atuações na Resistência antifascista na França ocupada, além do antimilitarismo no pós-segunda Guerra, sempre observando o envolvimento dos intelectuais nessas “trincheiras” de atuação.

⁵ Williams (2015) também creditava a Jean-Paul Sartre a disseminação do conceito de *engajamento* no meio intelectual no século XX, fato que estimularia a participação comprometida de inúmeros intelectuais nas décadas de 1930, 40 e 50 contra o antifascismo, contra as práticas belicosas pelo mundo e o apoio à descolonização da África e Ásia.

numa empreitada, e de aceitar os constrangimentos e as responsabilidades contidas na escolha (DENIS, 2002, p. 32).

Na sua juventude, Amado engajou-se em prol da solução das suas incertezas. A mudança da Bahia para o Rio de Janeiro, o contato com novos agrupamentos e com as ideologias em ascensão, os eventos políticos impactantes no início dos anos de 1930 no Brasil, a atuação em periódicos diversos, dentre outros aspectos, mediavam a perspectiva de um autor cético, confuso e não muitas vezes contraditório. Esse individualismo cético tem sua face compartilhada e iniciada dentre seus companheiros da Academia dos Rebeldes (1928-1932) na Bahia, na época leitores assíduos do incrível romancista Anatole France e do descrente poeta Charles Baudelaire.

Esse engajamento que implicitamente almejava o “encontrar-se” no mundo é o que predomina o conteúdo de seus três primeiros livros ficcionais. Inclusive temas vinculados aos campos literários e políticos são constantes na sua produção juvenil, demonstrando oscilações de posição no transcorrer dos escritos. Nas crônicas do jornal *O Momento*, para além das suas posições políticas difusas, percebe-se o empenho de Amado em inserir-se na vida cultural e editorial do Rio de Janeiro, ao construir relações de empatia com jovens editores e críticos literários, como também se percebe o movimento de manter os laços com seus antigos companheiros baianos.

O engajamento predominantemente coletivo de Amado em mediação com outros agrupamentos evidencia-se em seus escritos a partir de sua atuação no periódico do *Boletim de Ariel*⁶. A inserção na Juventude Comunista e a empolgação com as primeiras publicações dos “romances proletários” no Brasil, o advento da visibilidade dos “romancistas do norte” escrevendo ficções voltadas para realidade regional e a formação de um círculo intelectual que discutia as questões da religião e da cultura negra no Brasil, são os três principais agrupamentos que vão mediar as relações da escrita amadiana em seus romances entre 1933 e 1937. Tais agrupamentos não possuíam um lastro organizativo com rigidez disciplinar e tinham uma formação recente que não permitia uma coesão tática e estratégica em suas ações, com exceção da Juventude Comunista que era uma colateral do Partido Comunista, mas que não era posta como prioridade organizativa na agremiação.

⁶ O *Boletim de Ariel* (1931-1939) foi um dos principais periódicos brasileiros dos anos do entre guerras, abrindo sempre espaço às novas publicações no meio literário e sendo um estimulador dos principais debates no meio intelectual, tornando-se um espaço para o engajamento e, em especial, para sujeitos vinculados ao pensamento de esquerda.

Esse conjunto de mediações aliadas à experiência de Jorge Amado potencializou romances que tratavam da busca da emancipação de trabalhadores e *lumpemproletariados*, valorização de espaços, personagens e grupos sociais existentes na Bahia e, em especial Salvador, deu visibilidade aos negros e mestiços em suas histórias de lutas, cultura e religião. Tais perspectivas extrapolaram o gênero romanesco, tendo Amado assumido compromissos com seus novos agrupamentos em artigos e ensaios em inúmeros jornais e periódicos literários, em poemas, em relatos de viagens, participação nos dois Congressos Afro-Brasileiros, de 1935 em Recife e 1937 em Salvador, dentre outros.

Pós 1935 com a dura repressão desencadeada pelos levantes armados e, posteriormente em 1937, com a instauração da ditadura do Estado Novo, Amado perde espaço no mercado editorial e na mídia impressa. Os dois exílios espontâneos pelo continente americano, o primeiro em 1937 e o segundo entre 1940 e 1942, aliados à censura e à explosão de uma nova Guerra aproximam ainda mais o escritor do campo comunista. O compromisso assumido com o campo comunista brasileiro em escrever a biografia do líder da agremiação, o ex-militar tenentista Luís Carlos Prestes – 1941 e 1942 –, e sua atuação diária nas “crônicas de combate” contra as potências do Eixo no jornal *O Imparcial*, levam gradativamente o escritor para a militância plena no campo hegemônico do movimento comunista. Pós-Segunda Guerra, Jorge Amado é explicitamente um militante comunista. Em síntese, o contexto da intensificação da repressão e o acirramento das disputas bélicas no mundo, levam o escritor baiano migrar do engajamento difuso à militância.

Militância

Hobsbawm (2015), no artigo “Intelectuais e o comunismo”, avalia que a aproximação da intelectualidade ocidental com as proposições do campo comunista e até mesmo com o marxismo ocorreu de forma tardia. A origem social dos homens das letras, a fé no desenvolvimento da economia liberal burguesa e a crença no triunfo do progresso industrial ininterrupto, retardou a aproximação dos intelectuais com os escritos de Karl Marx e com os agrupamentos revolucionários. Somente após o caos da Guerra de 1914-1918 e das consequências da grande crise econômica de 1929, é que as velhas tradições e certezas impostas pelo mundo burguês começaram a ser ruídas, levando inúmeros intelectuais para os círculos contra hegemônicos do sistema.

A Revolução Bolchevique de 1917 torna-se então o principal divisor de águas na contemporaneidade, transformou-se num raio de esperança para muitos, num mundo abalado

pela catástrofe da guerra e pela pobreza gerada pela crise social. A perspectiva de degeneração plena do capitalismo e sua substituição pelo modelo socialista pareciam próximas e inevitáveis. Em *Era dos extremos*, Hobsbawm avalia o contexto do entre guerras:

Parecia óbvio que o velho mundo estava condenado. A velha sociedade, a velha economia, os velhos sistemas políticos tinham, como diz o provérbio chinês, “perdido o mandato do céu”. A humanidade estava à espera de uma alternativa. Essa alternativa era conhecida em 1914. Os partidos socialistas, com o apoio das classes trabalhadoras em expansão de seus países, e inspirados pela crença na inevitabilidade histórica de sua vitória, representavam essa alternativa na maioria dos Estados da Europa. Aparentemente, só era preciso um sinal para os povos se levantarem, substituírem o capitalismo pelo socialismo, e com isso transformarem os sofrimentos sem sentido da guerra mundial em alguma coisa mais positiva: as sangrentas dores e convulsões do parto de um novo mundo. A Revolução Russa, ou, mais precisamente, a Revolução Bolchevique de outubro de 1917, pretendeu dar ao mundo esse sinal (HOBSBAWM, 1995, p. 62).

O exemplo da tomada do poder pelos trabalhadores, camponeses, soldados e populares, liderados por Vladimir Lenin e seu Partido, serviu de inspiração para milhares de pessoas interessadas na construção de uma nova sociedade. Diversos intelectuais, impactados pelo evento revolucionário de 1917, chegaram ao marxismo e à atuação política através dos Partidos Comunistas impulsionados pela Internacional Comunista construída pelos bolcheviques após a revolução, em 1919. Hobsbawm enquanto intelectual que viveu esse processo, sendo membro do Partido Comunista Britânico do entre guerras até o século XXI, afirmou que:

Os intelectuais, em grande número, se voltaram a Marx [pós Guerra e Revolução de 1917]. E o fizeram via Lenin. A história do marxismo entre os intelectuais do Ocidente é, pois em grande medida, a história de suas relações com os partidos comunistas que substituíram a social-democracia como principais representantes do marxismo (HOBSBAWM, 2015, p. 43).

Essa perspectiva também ocorreu no Brasil. Após a organização do Partido Comunista do Brasil (PCB), a difusão do marxismo e da possibilidade do triunfo da vitória dos trabalhadores na arena política da luta de classes, foram realizadas quase que exclusivamente pelos membros da agremiação. A intelectualidade tupiniquim identificada com a Revolução de 1917 e com a luta dos trabalhadores: jornalistas, literatos, artistas plásticos, professores, estudantes universitários, dentre outros, também aderiu ao Partido, mas, sem a outorga de assumir postos de direção. Outros simpatizantes da causa revolucionária no campo intelectual, que não se enquadravam na disciplina do agrupamento, assumiam compromissos pontuais nas frentes políticas impulsionadas pelo Partido. O próprio Jorge Amado teve sua iniciação no

campo comunista pelas bordas, primeiramente na Juventude Comunista, depois na ANL e no seu jornal *A manhã* e, por último, entre os grupos de exilados na Argentina e no Uruguai assumindo tarefas na reorganização do campo comunista durante o Estado Novo; o escritor baiano no início dos anos de 1930 simpatizava com a luta do operariado, contudo se horrorizava com a disciplina do Partido, perspectiva que é evidente em alguns artigos no *Boletim de Ariel* e no enredo do romance não publicado *Rui Barbosa nº 2*.

Hobsbawm coloca que ao final dos anos de 1920 e durante a primeira metade da década de 30, com o advento do *stalinismo* enquanto setor hegemônico do campo comunista, ser intelectual e atuar no interior do movimento não eram uma atividade fácil. Baseando-se na sua própria experiência, o historiador expõe que parte expressiva dos intelectuais tinha noção dos aspectos negativos da atuação no campo: os constantes expurgos aos setores destoantes, a prática da idolatria aos principais dirigentes e a disciplina férrea. Contudo, “[...] o intelectual comunista, ao optar pela União Soviética e seu partido, assim o fez porque, no balanço final, os aspectos positivos pareciam pesar mais que os negativos” (HOBSBAWM, 2015, p. 46). O temor de uma nova guerra, a falta de perspectivas no liberalismo no campo econômico e democrático e, em especial, a aterrorizante ascensão do movimento fascista pelo mundo que, no caso do nazifascismo alemão chegou a eliminar ou expulsar um terço da intelectualidade do seu país, levavam muitos pensadores a se calarem perante a atrocidade promovida pelo stalinismo. Na prática divergir com a direção do campo comunista era quase que automático tornar-se um dissidente, perdendo a oportunidade de atuar numa luta crucial para o futuro da humanidade. Hobsbawm lembra que os intelectuais mais devotados detinham o desejo de ser um “exército revolucionário totalmente devotado, disciplinado, realista e antirromântico” (HOBSBAWM, 2015, p. 46).

Se para Marx a luta de classes é o motor da história, para Lenin o Partido revolucionário é a locomotiva que leva a humanidade rumo ao triunfo dos trabalhadores na luta de classes e ao socialismo. Com a ascensão de Stálin, no comando da URSS, os dirigentes do campo comunista ganharam relevância e status hierárquico, tornando-se o maquinista imprescindível que guia a locomotiva revolucionária alimentada pela luta de classes. Por mais que os bolcheviques utilizassem da bandeira da saída imediata da Rússia czarista da Primeira Guerra, para agitar as massas populares na tomada do poder, o contexto econômico e social herdado da Guerra da Russo-Japonesa pelo litígio dos territórios da Manchúria e Coréia (1904-1905) e das batalhas da Primeira Guerra (1914-1917), além da Guerra Civil após 1917 em oposição às tropas contra revolucionárias – com saldo de quase

três milhões de mortos –, levaram os Bolcheviques a constituir um Partido extremamente disciplinado e militarizado nos espaços da disputa política e das armas.

Hobsbawm (1995) avalia que o modelo de Partido instituído por Lenin e os bolcheviques esteve dentre as maiores engenharias social produzidas pela humanidade na era industrial moderna. Com Lenin o método do “centralismo democrático” previa o debate interno e ação compacta, aglutinava e mobilizava os mais devotados e disciplinados revolucionários em prol da revolução socialista, no plano nacional e internacional. Nas mãos de Stálin o “centralismo democrático” tornou-se instrumento de aplicação da política dos principais dirigentes perante a vanguarda integrante do campo comunista, a classe operária e as camadas populares da URSS, tornando-se o desacato passível de punições severas.

Com Stálin na direção do campo comunista não tardou na URSS a centralização sobre o trabalho artístico e literário. Utilizando-se do prestígio de um dos maiores literatos russos que se tornou fiel aos bolcheviques e a Revolução de 1917, o romancista Máximo Gorki, em 1934 no 1º Congresso dos Escritores Soviéticos, ditou o esboço do *realismo socialista* que será um conjunto de princípios que delineará a produção cultural soviética e do campo comunista internacional da metade dos anos de 1930 até 1956. Visionário, Gorki colocava que o *realismo socialista* tinha o intuito de fazer “nasce [r] um novo homem no país dos soviets” (GORKI, 1984, p. 38), sendo que:

O seu objetivo primordial [do realismo socialista] consiste em fazer evoluir as possibilidades do homem para que triunfe sobre a natureza. Quer dizer, em favor da sua própria saúde e da sua longevidade. Para viver feliz na terra, em cujos limites aspiram fazer, à medida que as suas necessidades vão crescendo, uma vasta morada para a Humanidade unida numa única família (GORKI, 1984, p. 40).

Por outro lado, essa nova literatura para a nova humanidade, que nasce a partir da experiência soviética, deveria ter como herói central o trabalhador e valorizar e contemplar a recém-realidade construída pelos bolcheviques:

O partido leninista é o poder operário-camponês da U.R.S.S., ao destruir o capitalismo em tudo o que antes formava o território czarista, ao encomendar as direções políticas às massas, traçou como meta a alcançar sua salvação de um jugo que de um modo notório mostrou os vícios e sua impotência. Nos limites deste propósito devemos nós, escritores da U.R.S.S., contemplar, apreciar e organizar a realidade (GORKI, 1984, p. 38).

Fiel à linha política traçada por Stálin no início dos anos de 1930, Gorki defendeu implicitamente aos presentes no 1º Congresso dos Escritores Soviéticos, que os escritores da

URSS se preocupassem especificamente com as questões literárias da “Pátria Mãe”, modelo que posteriormente servirá de exemplo para o campo comunista e para os escritores revolucionários em todo o mundo. Em síntese Gorki, assumia a tese do “socialismo num só país”, expressando a crença stalinista da impossibilidade da revolução internacional no contexto do entre guerras, devendo o campo comunista soviético garantir primeiramente a consolidação do socialismo em seu país. Nesse contexto particularizado, por mais que o trabalhador deveria ser o herói na produção cultural, a classe operária soviética ainda necessitava romper plenamente com os grilhões do sistema capitalista rumo à construção do socialismo; destarte as artes e a literatura calcadas no realismo socialista e, em parceria com o Partido, deveriam aprofundar a educação das massas para consolidar o projeto bolchevique:

As nossas massas trabalhadoras não se aperceberam inteiramente de que já não trabalham para nenhum patrão, mas para si próprias. Essa consciência não atingiu ainda a sua plenitude nem toda a sua pujança. Nada chega ao estado de ebulição, claro, antes de ter atingido determinada temperatura. Mas ninguém como o nosso Partido soube até hoje fazer subir a temperatura da energia trabalhadora como o fizeram Vladimir Lênin e o seu atual dirigente [Stálin].

O herói dos nossos livros deve ser o trabalho personificado no trabalhador, que conta já entre nós com a força da técnica contemporânea; o homem que por sua vez organiza o trabalho tornando-o mais fácil, mais frutuoso e elevando-o à altura da arte (GORKI, 1984, p. 38).

Seguindo o alinhamento das proposições de Stálin, Máximo Gorki (1984, p. 39) reivindica a expulsão das características identitárias pequeno-burguesas existentes na literatura soviética. Defende a autocrítica do campo literário nacional e a instauração de um novo hábito social que interligue com a realidade revolucionária rumo à construção de uma cultura socialista. Para a concretização deste grande empreendimento cultural a disciplina compacta é imprescindível, como também a depuração dos elementos oportunistas, tanto no meio da direção partidária como no meio literário soviético:

A direção do Partido deve ser depurada de qualquer influência pequeno-burguesa. Os membros do Partido que atuam no setor da literatura deverão ser não apenas mestres da ideologia revolucionária que organizam as energias do proletariado em todos os países do mundo, mas que revelam uma força moral e uma verdadeira disciplina. Esta força deverá bater-se, acima de tudo, por despertar a responsabilidade coletiva. A literatura soviética multiplica pelos seus homens de talento e que cresce devido à influência de novos elementos, de ser organizada em massa compacta, como instrumento de cultura socialista (GORKI, 1984, p. 40).

A depuração tanto nos círculos dirigentes como no meio cultural, tinham como principal alvo Trotsky e seus seguidores. O ex-líder do Exército Vermelho desde a metade dos

anos de 1920 – após os anos de Guerra Civil –, elaborava concepções na relação entre o movimento revolucionário e os produtores artísticos. Acreditando que a fase de combate aos intelectuais emigrados, defensores do czarismo e da burguesia russa, já não deveria ser mais o foco dos bolcheviques no plano cultural, Trotsky (1969) apontava a valorização dos jovens artistas que tinham ficado na URSS e que compartilhavam com os novos ares revolucionários, mesmo se esses não fossem estritamente alinhados com as posições dos bolcheviques e com as perspectivas internacionalistas da revolução, incluindo até os literatos que supervalorizavam os camponeses em relação ao combativo operariado urbano. O principal opositor do stalinismo reivindicava a existência do desenvolvimento de uma arte de transição mediada pelo novo contexto revolucionário, produzido pelos artistas/literatos tratados como “companheiros de viagem”. Para Trotsky não existia ainda na jovem URSS uma arte e literatura de proletários, feita pelos próprios trabalhadores, mas sim o embrião de produções revolucionárias, fruto dos anos de combate contra o czarismo e a burguesia; nesse sentido os “companheiros de viagem” deviam ser estimulados a aprofundar suas relações com a revolução, sem aplicação da disciplina usada no meio partidário e sem a obrigatoriedade dos seus trabalhos se voltarem a fins “pedagógicos”, em síntese, para Trotsky a arte e a literatura operária seriam o resultado do desenvolvimento histórico e permanente da revolução.

As investidas de Máximo Gorki em favor do realismo socialista e da depuração dos elementos desviantes no seio do Partido e das artes não duraram muito tempo, dois anos após o 1º Congresso dos Escritores Soviéticos o literato faleci (1936)⁷. Quem assume a tarefa de propagar os princípios do realismo socialista e de disciplinar as atividades dos intelectuais depois da morte de Gorki é Andrei Zhdanov, dirigente pertencente ao Comitê Central do PCURSS e braço direito de Stálin na centralização das atividades políticas e culturais. A disseminação dos textos e do pensamento de Zhdanov no Brasil se intensificou somente após a Segunda Guerra. Com a reabertura democrática o PCB lança inúmeras revistas e jornais difundindo que a arte e a literatura estivessem a serviço da emancipação das massas populares, contra uma nova guerra – possivelmente nuclear –, em defesas das democracias populares e da URSS e, obviamente, reivindicando o método realista socialista para produção artística e literária⁸. Nessa difusão em terras brasileiras, Jorge Amado era o maior

⁷ Em 1938, Trotsky em artigo escrito para o New York Times, “Os quatro médicos que sabiam demais”, acusa Stálin de ter encomendado o assassinado de Gorki por envenenamento.

⁸ A principal revista brasileira de difusão dos princípios marxistas com interpretação stalinista, difundida entre o campo comunista e seus simpatizantes após 1945, será a *Problemas: revista mensal de cultura política*, que reproduziu inúmeros artigos de dirigentes soviéticos – incluindo Zhdanov – e dos principais dirigentes do PCB. Havia várias outras revistas regionais impulsionadas pelo PCB destinada ao público intelectual, dentre elas

propagandista e o modelo exemplar na produção literária mesmo após a perda de seu mandato parlamentar e o exílio voluntário iniciado em 1948, o escritor ainda era a principal figura pública do realismo socialista no Brasil.

Zhdanov enquanto dirigente do PCURSS intervinha politicamente nas mais diversas áreas artísticas e intelectuais do meio soviético: cinema, teatro, música, literatura, filosofia, revistas culturais, história, ciências da natureza, entre outras. Em muitos casos, ele próprio encaminhava o debate para dentro do Comitê Central do Partido no intuito de ameaçar, advertir, proibir publicações e expulsar intelectuais da URSS.

Desde o começo da Segunda Guerra e seu segundo exílio na região do Cone Sul americano, o escritor baiano já assumia tarefas literárias mais intensas no interior do PCB. A biografia do poeta brasileiro abolicionista Castro Alves (1941), expressava a defesa da ação do meio literário com a luta antifascista, comparando a necessidade histórica do intelectual em combater a possível submissão imperialista advinda com o avanço bélico das potências do Eixo. Se a biografia do poeta dos escravos negros já sinalizava o início de uma militância mais ativa no campo comunista, a biografia do principal dirigente comunista brasileiro tornou-se a grande tarefa partidária que Amado assumiu nos tempos de guerra. *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luís Carlos Prestes* (1942), além de glorificar o heroísmo do biografado nos tempos do movimento tenentista, do exílio e dos levantes armados de 1935, o texto também expressava as principais teses do PCB: a defesa da reconstrução de uma frente popular antifascista no Brasil, a campanha da anistia aos presos políticos – incluindo o próprio Prestes –, e a necessidade do país declarar guerra às nações do Eixo. Imaginando que Prestes, aos seus 40 anos – em 1942 –, apesar das suas atividades revolucionárias, nunca tivera contato intenso com as massas populares, a biografia de Amado fortaleceu e consolidou o mito heroico e exemplar do dirigente comunista, apesar dele ter ficado encarcerado durante nove anos até o findar da Guerra.

Se entre 1943 e 1945 Amado publicou os romances da saga do cacau, *Terra dos sem-fins* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944), além do guia da cidade de Salvador, *Bahia de Todos-os-Santos* (1945), sem demonstrar a plena adesão aos métodos do realismo socialista, o escritor atuava com disciplina militante nas crônicas diárias da coluna “Hora da Guerra” no jornal *O Imparcial* (1942-1945). Com a vitória bélica sobre as potências do Eixo, aliada à

destacavam-se: *Literatura* (RJ), *Fundamentos* (SP) e *Horizontes* (RS). Todos esses periódicos funcionaram entre 1945-46 até as denúncias impactantes contra os crimes de Stálin em 1956. No final do Regime Militar brasileiro (início dos anos de 1980) a dissidência do PCB – ocorrida em 1962 –, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), reeditarão através da sua revista *Princípios* vários textos políticos de Zhdanov e Stálin.

redemocratização no Brasil com o fim do Estado Novo, Amado assume a posição de militante e de figura pública do PCB. As crônicas de partido existentes na coletânea *Homens e coisas do Partido Comunista* (1946) expressam o esforço do escritor em participar da reorganização da agremiação em todo o território nacional, de São Paulo até o longínquo Mato Grosso, além de difundir a principal tese de “Unidade Nacional” com todas as forças antifascistas e preparar-se para as eleições que se aproximavam.

Seara Vermelha (1946), *O Mundo da Paz* (1951), os três volumes de *Os subterrâneos da liberdade* (1954), juntamente com as biografias, são os cinco livros de Amado que mais se alinham com o realismo socialista proposto por Gorki e Zhdanov. Neles o escritor desenvolve uma escrita pedagógica, sem uso de refinamento estético e supervalorizando a imagem do Partido e de seus dirigentes na transformação da sociedade brasileira e/ou do mundo. Nas biografias e nos relatos de viagem a URSS e as novas “democracias populares” do leste europeu, o autor faz o apelo à veracidade do narrado; já as tramas fictícias de 1946 e 1954 são romances de cunho histórico, calcados no passado recente dos anos de 1930 e início dos anos de 1940, recheado de personagens, movimentos sociais e eventos que partem do real. Segundo o intérprete literário Costa Lima (1989), se a literatura parte do controle do imaginário com constantes vetos ao ficcional baseando-se na razão do mundo vivido, o realismo socialista dos romances amadianos expressam o passado recente segundo a versão “verdadeira” do campo comunista e projeta o presente e o futuro seguindo os interesses estratégicos e táticos do agrupamento.

REFERÊNCIAS:

DENIS, Benoît. **Literatura e engajamento:** de Pascal a Sartre. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

GORKI, Máximo. O Realismo Socialista – estilo revolucionário da literatura e das artes [Estratos dos discursos pronunciados no 1º Congresso dos Escritores Soviéticos em 1934]. **Princípios:** revista teórica, política e de informação, São Paulo, v. s/n, n. s/n, out.1984, p. 36-40.

HOBSBAWM, Eric. Intelectuais e Comunismo. In:_____. **Revolucionários:** ensaios contemporâneos. São Paulo: Paz e Terra, 2015, p. 43-50.

_____. Engajamento. In: **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 138-154.

_____. **Era dos extremos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: _____. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006, p. 97-118.

LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

ROCHE, Jean. **Jorge bem/mal Amado**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1993.

STÁLIN, Josef. Classe dos proletários e o Partido dos Proletários (A respeito do artigo 1º dos estatutos do Partido) [1905]. In: _____. **Sobre o Partido da classe operária**. Beira Douro-Portugal: Vento Leste, 1974a, p. 13-24.

_____. Os princípios do leninismo (Conferências feitas na Universidade de Sverdlov em abril de 1924). In: _____. **Sobre o Partido da classe operária**. Beira Douro-Portugal: Vento Leste, 1974b, p. 25-45.

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

WILLIAMS, Raymond. O escritor: engajamento e alinhamento. In: _____. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora da UNESP, 2015, p. 115-130.

ZHDANOV, Andrei. O papel social da arte progressista. **Princípios**, São Paulo, n. 08, mai. 1984, p. 46-52.

_____. Contra o subjetivismo nas ciências da natureza. **Problemas**: Revista mensal de cultura política, São Paulo, n. 47, jul. 1953. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/ano/mes/subjetivismo.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

ZHDANOV, Andrei. A tendência ideológica da música soviética. In: **Problemas**: Revista mensal de cultura política, São Paulo, n. 21, out. 1949. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/ano/mes/musica.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. As tarefas da literatura na sociedade soviética. **Problemas**: Revista mensal de cultura política, São Paulo, n. 20, ago./set. 1949. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/ano/mes/tarefas.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. O marxismo é a revolução na filosofia [Intervenção no debate realizado em Moscou, em torno do livro de Alexándrov, “História da Filosofia”]. **Problemas**: Revista mensal de cultura política, São Paulo, n. 07, fev. 1948. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/1947/mes/marxismo.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

_____. Pela paz, a democracia e independência dos povos [Informe à Conferência dos Partidos Comunistas na Polônia]. **Problemas**: Revista mensal de cultura política, São Paulo,

n. 05, dez. 1947. Disponível em:
<https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/1947/09/paz.htm>. Acesso em: 20 ago. 2016.